

*Ana Cristina Freire de OLIVEIRA; Amanda Evane SAMPAIO; Cristian Lima Pompeu; Ellen Cristina do Monte SILVA*

## O USO DE MAQUETES COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA FÍSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

*Ana Cristina Freire de OLIVEIRA*

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará

[anafreireoliveira@gmail.com](mailto:anafreireoliveira@gmail.com)

*Amanda Evane SAMPAIO*

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará

[amandaevane25@gmail.com](mailto:amandaevane25@gmail.com)

*Cristian Lima POMPEU*

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará

[cristianlima14@hotmail.com](mailto:cristianlima14@hotmail.com)

*Ellen Cristina do Monte SILVA*

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará

[ellen.silva@ifpa.edu.br](mailto:ellen.silva@ifpa.edu.br)

19

### Resumo

A prática do ensino da Geografia enfrenta diversos desafios na educação básica, sobretudo, nos assuntos associados à geografia física. Essa problemática impulsiona os profissionais da área a pensarem em novas alternativas didático-metodológicas, que auxiliem, por um lado, os professores em suas práticas de sala de aula; por outro, desponte como recursos que possam facilitar a aprendizagem dos alunos. O objetivo da presente investigação é demonstrar como a utilização de maquetes contribui para o auxílio do ensino e aprendizagem da geografia física na educação básica. Realizou-se revisão bibliográfica na área do ensino da geografia física com intuito de apresentar algumas discussões sobre esse campo. Como etapa prática da pesquisa elaborou-se uma maquete para representar as unidades geomorfológicas da região sul do Brasil. Destarte, os resultados foram expostos aos discentes do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Destacaram-se na maquete a apresentação de legendas com a finalidade de avaliação das características aparentes de cada estado; relevante, também, foi o uso de textura especial para a delimitação de rios importantes. O produto final da pesquisa, a maquete, apresentou aspectos que facilitam a compreensão de elementos geomorfológicos da região e, portanto, pode ser utilizada como um recurso didático ao processo ensino-aprendizagem na Educação Básica.

**Palavras-chave:** Ensino, Geografia Física, Recurso

### Abstract

The practice of teaching geography faces several challenges in basic education, especially in the subjects associated with physical geography. This problem prompts professionals in the area to think of new didactic-methodological alternatives, which help, on the one hand, teachers in their classroom practices; On the other hand, they appear as resources that can facilitate students' learning. The objective of the present research is to demonstrate how the use of models contributes to the teaching and learning of physical geography in basic education. A bibliographic review was carried out in the area of physical geography teaching in order to present some discussions on this field. As a practical step of the research, a model was designed to represent the geomorphological units of the southern region of Brazil. Therefore, the results were exposed to the students of the Degree in Geography of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Pará (IFPA). The presentation of subtitles was emphasized in the model for the purpose of evaluating the apparent characteristics of each state; Also relevant was the use of special texture for the delimitation of important rivers. The final product of the research, the model, presented aspects that facilitate the understanding of geomorphological elements of the region and, therefore, can be used as a didactic resource to the teaching-learning process in Basic Education.

**Keys Words:** education, physical geography, resource

### Resumen

La práctica de la enseñanza de la Geografía se enfrenta a varios retos en la educación básica, especialmente en asuntos

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), (ISSN: 2359-0831 - *on line*), Belém, v. 03, n. 01, p. 19-30, jan./jun. 2016.

*Ana Cristina Freire de OLIVEIRA; Amanda Evane SAMPAIO; Cristian Lima Pompeu; Ellen Cristina do Monte SILVA*

relacionados con la geografía física. Este problema se impulsa a profesionales a pensar en nuevas alternativas de enseñanza y metodológicas que ayuden, por un lado, a los maestros en sus prácticas en el aula; por el otro, emerge como recursos que pueden facilitar el aprendizaje de los estudiantes. El propósito de esta investigación es demostrar cómo el uso de modelos contribuye a la ayuda de la enseñanza y el aprendizaje de la geografía física en la educación básica. Se realizó una revisión bibliográfica sobre el campo de la geografía física de la educación con el objetivo de presentar algunos debates sobre este campo. Como una etapa práctica de la investigación que se desarrolla en un modelo para representar las unidades geomorfológicas del sur de Brasil. Por lo tanto, los resultados fueron expuestos a los alumnos del Curso de Licenciatura en Geografía en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Pará (IFPA). Ellos se pusieron de relieve en la pantalla modelo subtítulo para el propósito de evaluar las características aparentes de cada estado; relevante, también, fue el uso de la textura especial para la delimitación de los principales ríos. El producto final de la investigación, el modelo presenta aspectos que facilitan la comprensión de los elementos geomorfológicos de la región y por lo tanto puede ser utilizado como un recurso didático para el proceso de aprendizaje en la educación básica.

**Palabras-claves:** enseñanza, geografía física, metodología.

20

## 1. INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência que se propõe a estudar as relações entre seres humanos e a natureza que ocorrem dentro do espaço geográfico. E toda discussão que se proponha a debater sobre o ato de “ensinar” um determinado conhecimento faz-se necessária. Especialmente, quando permite desenvolver competências e habilidades essenciais entre alunos e professores, estimulando a análise crítica e ampliando seus horizontes quanto ao saber geográfico.

A prática do ensino da geografia enfrenta diversos desafios na educação básica, sobretudo nos assuntos associados à geografia física, fato que impulsiona a procura de propostas metodológicas e recursos didáticos alternativos, que contribuem com o trabalho do professor em sala de aula. É nesse sentido que se problematizou o uso de maquetes como recurso didático auxiliar durante o processo ensino-aprendizagem da geografia física.

Assim foi considerada, a importância do uso de maquetes como recurso didático, por se acreditar que esse se configura como algo essencial ao auxílio do professor, permitindo a visualização e concretude do que se está sendo estudado, e sendo fundamental para o ensino da geografia física, onde se podem relacionar os conteúdos estudados à realidade e aos ambientes de vivências dos estudantes.

Para completar o objetivo pretendido, foi então elaborada uma maquete sobre as unidades geomorfológicas da região sul do Brasil, e com a sua construção, foi ainda pretendido verificar o uso desta, como artifício de suporte aos professores que estão trabalhando principalmente com as formas e formação de relevo, na especificação e delimitação dos três estados que compõem a região sul do Brasil, configurando-se como um recurso didático atrativo aos alunos.

A maquete em si já possibilita o acesso a conhecimentos cartográficos, quando considera dados acerca da localização geográfica, da escala numérica utilizada à sua confecção e níveis de altimetria. Desse modo, acredita-se que podem ser trabalhados facilmente os conteúdos de



geomorfologia falando de processos antigos e atuais que contribuem para a configuração presente a partir dos elementos cartográficos contidos na maquete.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. A GEOMORFOLOGIA**

Segundo Christofletti (1980) a geomorfologia é a ciência que estuda as formas de relevo; este tem sua dinâmica regida por movimentos divergentes e convergentes das placas tectônicas que atuam trazendo modificações internas e consequentemente externas na crosta terrestre. Logo, o modo em que o relevo se encontra vai depender dos processos em que ele foi ou não submetido, sendo sua estrutura e a forma resultadas dos processos denominados endógenos e exógenos.

Os movimentos epirogenéticos e orogenéticos que o relevo apresenta vão modificar a estrutura deste, sendo concretizados por forças internas da terra, responsáveis por soerguimentos em algumas áreas, pelo nível mais baixo de outras, por dobramentos, vulcões e diversas atividades sísmicas que movimentam o interior da crosta. Já os agentes externos como a água, a força dos ventos, a luz solar, ou seja, os diversos agentes meteorológicos, o intemperismo físico e o químico e também a ação antrópica vão manter as formas do relevo em constante modificação, mudando assim a paisagem do nosso planeta.

Explorar esses processos endógenos e exógenos é de fundamental importância para compreensão da topografia atual. As camadas sedimentares analisadas, por exemplo, podem nos falar a respeito de diversos aspectos, característicos de cada local em várias épocas, contribuindo com a construção da história e paisagem de cada região (ROSS, 2004).

No território brasileiro têm-se formas de relevo recentes, onde o soerguimento da placa Sul-Americana no período Cenozoico teve grande importância para a configuração atual de nosso país. O geógrafo brasileiro Jurandyr Ross (2004) em sua obra intitulada Geografia do Brasil, utiliza-se dos trabalhos de Aziz Ab'Saber e dos estudos do projeto Radam Brasil para identificar as macroformas do relevo brasileiro, denominadas de planalto, depressão e planície.

No recorte da região sul, que abrange os estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, temos a presença de planaltos e planícies com menor comprimento, além da presença de vales. Grande parte desta região está sob o planalto brasileiro, que é composto pelo planalto meridional, onde fica a maior parte do território e pelo planalto atlântico que na região sul do Brasil é denominado de planalto cristalino, sendo que o ponto mais elevado desta macrorregião é o Pico do Paraná que fica localizado no estado do Paraná, mas os pontos mais elevados habitam

deste recorte do Brasil é outro e localiza-se em Santa Catarina, recebendo o nome de morro da igreja.

Desse modo, confeccionou-se um recorte específico sobre a Região Sul do Brasil, em forma de maquete, enfatizando a importância desse recurso em sala de aula para auxiliar o ensino da Geografia Física nas escolas da educação básica, superando desafios, tanto de professores, quanto de alunos na tarefa de compreender os processos geomorfológicos, as fases erosivas, as forças endógenas e exógenas que ali atuaram e ainda atuam esculturando as formas do relevo desta região.

22

## **2.2. O ENSINO DA GEOGRAFIA FÍSICA**

O ensino da geografia física para muitos autores é um campo de estudo ainda pouco explorado e que apresenta um enorme potencial de análise na atualidade, pois engloba tanto a trajetória que percorre o ensino da geografia como disciplina, com construções e reestruturações do currículo, mas também os desafios metodológicos da própria prática de ensino dos conteúdos ministrados na área da geografia física nas escolas de educação básica, e a utilização de recursos como a maquete para ajudar na superação desses desafios.

A geografia, segundo Rocha (1998) surge como disciplina no currículo brasileiro em 1837 com fortes influências do modelo francês que se fomentava na “descrição” e “nomenclatura” de paisagens, esse modelo unicamente descritivo foi aos poucos ao longo da história da disciplina sendo superado, dando espaço principalmente a partir das décadas de 1970, 1980 e 1990 a uma reestruturação dos conteúdos e currículos proporcionados pela constituição de 1988, na criação de órgãos reguladores e pela implantação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Geografia.

Atualmente, os PCNs recomendam que o ensino da geografia não fique restrito aos aspectos naturais e descritivos das paisagens, mas que esteja associado à formação de um cidadão crítico que consiga interpretar e analisar as relações entre o homem e a natureza relacionando os elementos cotidianos e o seu ambiente aos conceitos e conteúdos ensinados pelo professor de geografia.

O ensino da geografia física, portanto é de suma importância para que o estudante consiga completar o objetivo de entender criticamente as relações homem natureza, sendo capaz de localizar-se no espaço e entender as representações cartográficas e os processos que atuam na dinâmica natural da terra. Nesse sentido, o ensino da geografia física no Brasil, apresenta uma série de desafios com causas profundas e complexas, em um esforço de síntese relacionamos, de uma maneira geral, dois pontos principais inter-relacionados. O primeiro, no excesso da abordagem crítica marxista que a geografia recebeu a partir da década de 1970, ocasionando em não se dar

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), (ISSN: 2359-0831 - on line), Belém, v. 03, n. 01, p. 19-30, jan./jun. 2016.



tanto destaque a alguns conteúdos da geografia física, aumentando ainda mais a dicotomia entre geografia física e humana, e influenciando uma formação de professores, currículos e livros didáticos voltados unicamente a aspectos humanos (AFONSO; ARMOND, 2009); e o segundo associado a exposição de aulas com a repetição de “termos técnicos”, descritivas e enfadonhas, que não consigam proporcionar uma assimilação do estudante ao seu ambiente cotidiano, e nenhuma inovação metodológica (BEZERRA, 2009). Então, muitos paradigmas sobre o ensino da geografia física ainda precisam ser superados, o mesmo vale para a construção acerca dos conhecimentos geomorfológicos. Precisa-se refletir que para o ensino dos conceitos geográficos é preciso ir além de uma aula em que os recursos didáticos limitam-se apenas ao quadro e um pincel.

Nesse sentido, uma possível resposta para tal situação seria a busca por instrumentos capazes de auxiliar a compreensão da geomorfologia apresentada aos discentes. Uma breve amostra dessa perspectiva se apresenta na aplicação dos conceitos de geomorfologia nas maquetes, uma vez que, a maquete não só complementa a educação cartográfica, mas também contribui no uso das diversas linguagens para a comunicação dos conteúdos da geografia sendo assim um recurso didático com grande potencial para preencher a necessidade de ferramentas que auxiliem o ensino da geografia física (FRANCISCHETT, 2014).

A confecção de maquetes, portanto proporciona tanto a visualização dos conteúdos por parte dos alunos, quanto a oportunidade e entusiasmo para esses relacionarem os assuntos estudados ao seu ambiente, contextualizando as relações homem natureza.

### **2.3. AS DIFERENTES LINGUAGENS EM SALA DE AULA E O USO DA MAQUETE**

A maquete é proposta como um dos tantos recursos didáticos que podem ser utilizados em sala de aula para uma melhor apreensão do conteúdo. Castellar (2010) contribui com esse pensamento colocando que existem outros recursos, e destaca o “uso de diferentes linguagens” por parte do professor que podem se desenvolver na prática de ensino da geografia.

Para Castellar (2010) na atualidade, através dos meios de comunicação e atuação dos meios midiáticos na veiculação das informações, os “materiais” que correspondem aos conteúdos estudados pela geografia, estão cada vez mais acessíveis para alunos e professores, fato que torna necessário um preparo cada vez maior dos professores na síntese das informações e no uso das diferentes linguagens.

As diferentes linguagens então enumeradas por Castellar (2010) seriam, o uso de gêneros textuais diferentes, o literário, jornalístico, audiovisual e científico, também pela elaboração de revistas em quadrinhos e uso da linguagem cartográfica e de documentos. Essas diferentes formas

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), (ISSN: 2359-0831 - on line), Belém, v. 03, n. 01, p. 19-30, jan./jun. 2016.*

de linguagem teriam como objetivo de uma maneira geral desenvolver “competências” aos alunos, tais como saber “organizar, selecionar, analisar e criticar fatos” e principalmente estimular a leitura, e escrita dos estudantes. A elaboração de maquetes, nesse sentido, também colabora com o desenvolvimento das competências dos alunos, os proporcionando a visualização, materialização, concretização e estruturação do que está sendo estudado, trabalhado assim junto as diferentes linguagens utilizadas.

24

Dessa forma a importância do uso de diferentes recursos didáticos somados às diferentes linguagens se apresentam como alternativas efetivas ao professor de geografia em sua prática de ensino.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1. A CONSTRUÇÃO DA MAQUETE**

A elaboração da maquete das unidades geomorfológicas da região sul do Brasil se pautou sob uma abordagem qualitativa. Estruturou-se duas etapas principais para sua confecção; em primeiro lugar realizou-se revisão bibliográfica na área do ensino da geografia física e de sua legislação, afim de se conhecer autores que contribuíram para a realização do objetivo destacado; e em segundo lugar o passo a passo do processo de construção.

Em relação ao ensino da geografia física colaboraram ao debate autores como Christoffoleti (1980) e Ross (2004) que indicam as características da geomorfologia e das macroformas de relevo, além dos processos que nele atuam, Ross (2004) ainda contribui com a caracterização do relevo da região sul, onde identificou-se através da utilização do mapa geomorfológico por ele elaborado, a localização das depressões, planícies e planaltos.

Ainda sobre o ensino, leu-se quatro artigos indexados em bancos de revistas científicas e em eventos de geografia, destacam a história que o ensino da geografia percorre como disciplina, os principais desafios metodológicos da prática de ensino na geografia física nas escolas de educação básica, e para demonstrar que a utilização de recursos como a maquete atuam de diversas formas para a superação dos desafios, na visualização e contextualização dos conteúdos e no senso de localização adquiridos pelos alunos.

Castellar (2010) ainda destaca que existem outros recursos didáticos como a maquete, que são as diferentes linguagens usadas pelo professor em sala de aula, ela então apresenta a linguagem cartográfica, gêneros textuais literário, jornalístico e o audiovisual que são essenciais ao professor.

Já em relação ao passo a passo na construção da maquete, foram impressos seis mapas topográficos (tamanho A3) que delimitam a região sul do país e unidos compreendem a extensão

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), (ISSN: 2359-0831 - *on line*), Belém, v. 03, n. 01, p. 19-30, jan./jun. 2016.

*Ana Cristina Freire de OLIVEIRA; Amanda Evane SAMPAIO; Cristian Lima Pompeu; Ellen Cristina do Monte SILVA*

territorial destacada em uma escala de 1:20. Este molde inicial foi passado para uma folha de papel 40kg com as dimensões de 66,0 x 96,0 cm, para se ter uma visão melhor do formato e tamanho original que ficaria a maquete. Os mapas topográficos foram úteis também para o molde dos estados da região e pontos de diferentes altimetrias, transpassados diretamente do papel A3 para as folhas de isopor, concomitantemente a confecção do molde da base. Conforme a figura 1.

25



**Figura 1-** Mapas Topográficos.  
**Fonte:** Equipe do projeto, out./2016.

O protótipo em papel é desenhado então nas folhas de isopor, dando início a construção das partes sólidas do projeto. Para o recorte foi utilizado uma vela acesa a qual era esquentada à lâmina do estilete para que o mesmo pudesse cortar o isopor nos diversos formatos e espessuras sem quebra-lo. Os formatos são modificados de acordo com o local que estes representam e a espessura da folha vai variar de acordo com a altimetria de cada área, sendo utilizados nesse protótipo folhas convencionais de isopor com a gramatura de 10 mm até folhas com 30mm. Tanto a base quanto a primeira camada, partes maiores da maquete geomorfológica da região sul, tiveram que ser recortadas na diagonal para preservar a escala delimitada anteriormente (Verfigura 2).



*Ana Cristina Freire de OLIVEIRA; Amanda Evane SAMPAIO; Cristian Lima Pompeu; Ellen Cristina do Monte SILVA*



**Figura 2 -** Construções dos moldes.  
**Fonte:** Equipe do projeto, out./2016.

Terminados os moldes, veio o processo de montagem em que as peças foram unidas uma sobre a outra, segundo suas respectivas formas, tamanhos e localização geográfica espacial, com cola de isopor e auxílio de palitos de dente quebrados ao meio para a sua melhor fixação. Simultaneamente, era produzida uma massa que seria a responsável por representar as ondulações do relevo, onde seu processo de confecção deu-se da seguinte forma: em uma bacia colocamos 1 litro de água, 2 litros de cola branca e 4 rolos de papel higiênico, que são misturados até obter uma consistência homogênea (Ver figura 3)



**Figura 3 -** Montagem das peças.  
**Fonte:** Equipe do projeto, out./2016.

Essa massa foi usada para cobrir toda a superfície da maquete, sendo a sua quantidade depositada de acordo com a necessidade específica de cada área. Para que a massa secasse e não interferir-se no processo de pintura, a maquete precisou ficar um dia secando ao ar livre para depois



*Ana Cristina Freire de OLIVEIRA; Amanda Evane SAMPAIO; Cristian Lima Pompeu; Ellen Cristina do Monte SILVA*

ser iniciada a sua pintura, conforme o padrão de cores, utilizando-se de diversos tamanhos de pincéis, como por exemplo o pincel de detalhes para o contorno dos rios. Ainda para um melhor aspecto visual dos rios, utilizamos a tinta acrílica para produzir um efeito diferenciado e o papel celofane na lagoa dos patos, no Rio Grande do Sul (Ver figura 4).



**Figura 4** - Textura e rios

**Fonte:** Equipe do projeto, out./2016.

Feito a montagem das folhas de isopor nos diferentes formatos e espessuras, estando as camadas emassadas e pintadas, fomos adicionar legendas impressas em papel A4 como a rosa dos ventos, a questão do uso de cores e a escala, além do nome da equipe. Dessa forma, construiu-se a maquete que para auxílio docente no ensino voltado às questões de determinada área da geografia física (Ver figura 5).



**Figura 5 - Resultado Final**  
**Fonte:** Equipe do projeto, out./2016.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O resultado final da pesquisa foi exposto à uma turma de licenciatura em geografia do ensino superior do IFPA. A dinâmica visou proporcionar uma experiência interativa com o público presente.

Iniciou-se com a apresentação das legendas utilizadas na maquete, com o objetivo de identificar cada elemento disposto na mesma. Assim, o público pode se localizar no tempo e no espaço, sendo capaz perceberas considerações sobre a escala, a altimetria, a delimitação de planícies, os planaltos, as depressões, as bacias sedimentares e alguns dos principais rios, ilhas, morros e picos em cada um dos três estados na dimensionalidade da região estudada.

Então a partir da apresentação das legendas, foi possível avaliar as características aparentes de cada estado. A textura utilizada na maquete e a delimitação de rios importantes, nesse sentido auxiliaram tanto na aproximação da realidade com relevo, mas também para o entendimento dos processos que nele atuam e atuaram, e que ocasionaram e ocasionam ao longo do tempo geológico da terra na formação de macro formas e unidades de relevo recentes, como a bacia sedimentar do Paraná e as planícies litorâneas; e antigas como as serras do mar, os planaltos centrais que abrangem o Paraná, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, através dessa dinâmica há ainda a identificação das depressões na borda de estruturas mais resistentes.

As maquetes dentro da geografia física vêm tentar dar conta da escassez de recursos didáticos que apoiem o ensino dos conteúdos geomorfológicos, ponto observado na experiência da

apresentação da maquete das unidades geomorfológicas da região sul, de como construir os conceitos da geomorfologia não é tarefa fácil para aqueles que não conseguem observar ou ao menos visualizar os aspectos dos processos físicos.

Com essa experiência observou-se o potencial didático que a maquete pode proporcionar, pois permite se contextualizar visualmente aos alunos, os diversos processos físicos de determinados espaços, fato que lhes eram somente trabalhados de modo teórico.

Portanto, a maquete das unidades geomorfológicas da região sul do Brasil atuou no ensino aprendizagem dos conteúdos da geografia física, os tornando mais acessíveis, visíveis e palpáveis aos acadêmicos de licenciatura em geografia do IFPA-Campus Belém.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No labor diário do professor de geografia os conceitos geomorfológicos fazem parte de sua prática docente. Depara-se com inúmeras dificuldades que precisam ser superadas, especialmente quando lida conhecimentos da área da geografia física nas escolas. E a construção de maquetes surge como um auxílio nesse desafio contribuindo com o processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, a partir dos resultados obtidos pôde-se concluir que aulas de geografia física, que forem ministradas do modo criativo e estimulantes podem ser viáveis ao se utilizar, instrumentos didáticos que vão além dos recursos tradicionais e para isso as maquetes são um recurso de grande potencial.

Acredita-se ainda que o uso de maquetes como auxílio do ensino da geografia física na educação básica consiga contribuir para a produção científica na área, influenciando futuros estudos e ampliando as elaborações teóricas, além de também trazer possíveis conhecimentos que sirvam para a adoção de metodologias e recursos alternativos que auxiliem o ensino e aprendizagem da geografia física no Brasil.

## 6. REFERÊNCIAS

- AFONSO, E. A.; ARMOND, B. N.; Reflexões sobre o ensino de Geografia Física no Ensino Fundamental e Médio. **10º ENPEG**. Porto Alegre - RS, 2009.
- BEZERRA, F. A.; As práticas pedagógica do ensino de geografia nas escolas públicas da cidade de Parnamirim-rn.; **10º ENPEG**. Porto Alegre - RS, 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e Médio**. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BRASIL, SEMTEC/MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio - Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília, 1999. Brasil, : SEF/MEC. PCNS – Geografia. Brasília, 1998.
- CASTELLAR, J, V, S.; **Ensino de Geografia**. Editora Cengage Learning, p. 65 - 98. São Paulo - SP, 2010.
- CHRISTOFOLETTI, A.; **Geomorfologia**. Editora Edgard BlucherLtda, 2a. ed. São Paulo - SP, 1980.
- FRANCISCHETT, M, N. A cartografia no ensino de Geografia: A aprendizagem mediada. Tese de doutorado - **Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia**. São Paulo - SP, 2001.
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), (ISSN: 2359-0831 - on line), Belém, v. 03, n. 01, p. 19-30, jan./jun. 2016.*



*Ana Cristina Freire de OLIVEIRA; Amanda Evane SAMPAIO; Cristian Lima Pompeu; Ellen Cristina do Monte SILVA*

Senado Federal. Senador Ramez Tebet. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília – 2005. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

ROCHA, R, O, G.; Geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942). **Revista De Educação, Cultura e Meio Ambiente**. Dez. Nº 12, Vol II. , 1998.

ROSS, J, L, S; SCARLATO, F, C; ANGELO, S; CONTI, J, B; OLIVEIRA, A, U.; **Geografia do Brasil**. Editora EDUSP. 6 ed., 2004. São Paulo - SP.

